

Crescer é a solução, diz Bird

A.M. PIMENTA NEVES
Nosso correspondente

WASHINGTON — O vice-presidente do Banco Mundial para a América Latina e o Caribe, David Knox, afirmou num discurso preparado para ser feito em Tóquio ontem, que, após cinco anos de queda ou estagnação da renda per capita da América Latina, "aproxima-se claramente o momento em que a ausência de crescimento econômico se tornará politicamente insustentável" na região.

Knox disse que para o Banco Mundial há uma solução: "Tomar dinheiro emprestado para crescer". Reconheceu que isso aumenta a dívida dessas nações, "o que poderia parecer paradoxal", mas que esses países só poderão voltar a crescer a médio prazo se receberem recursos em quantidade satisfatória do Exterior e que seu crédito só melhorará se houver retomada do crescimento. Mas o crédito dessas nações só será restaurado se também adotarem políticas internas corretas, acrescentou. Knox disse que cálculos conservadores estimam a necessidade líquida de capital da América Latina em US\$ 20 bilhões por ano, nos próximos três ou quatro anos.

Para que essa solução possa ser aplicada, disse Knox, algumas con-

dições precisam ser preenchidas. Por exemplo, os países da OCDE têm de crescer vigorosamente. A maioria das projeções indicam que uma taxa de expansão de 3 a 4% ao ano na OCDE é essencial para a solução do problema da dívida, disse. Outro fator importante é a taxa de juros, que continua a absorver 36% da receita de exportações da América Latina. Redução de um ponto de porcentagem na taxa de juros que esses países pagam, explicou, cortaria a carga de serviço da dívida da região em mais de US\$ 3 bilhões.

Knox afirmou ainda que, durante décadas, a América Latina exibiu preconceito contra as exportações em geral e as de manufatura em particular. Ainda hoje, commodities representam 80% das exportações da região e seus preços estão no nível mais baixo desde a Grande Depressão e não devem melhorar substancialmente este ano, a despeito da elevação do preço do café. A conclusão inescapável, segundo Knox, é que esses países terão de diversificar e expandir suas exportações. Essa é a mais importante mudança estrutural que a região terá de fazer, disse.

"O Brasil já mostrou o caminho. Em 1984 suas exportações aumentaram cerca de 23% e, significativamente, suas exportações de manufaturas aumentaram cerca de 40%. Em

1985, o Brasil apresentou o terceiro maior superávit comercial do mundo, vindo depois do Japão e da República Federal da Alemanha", afirmou.

Knox disse ainda que as políticas estruturais que estão sendo exigidas desses países não podem dar resultado em dois ou três anos. Para ele, cinco ou sete anos é um prazo mais razoável, mas o tempo real variará em cada caso, em função da gravidade da situação inicial, dos recursos do País, do estágio de desenvolvimento de seu setor produtivo e do grau de determinação e esforço devotados à tarefa.

As medidas necessárias em geral envolvem revisão das políticas comerciais, aumento da poupança interna e maior eficiência na utilização dessa poupança, afirmou.

Knox disse também que o Banco Mundial ampliará em 1986 os empréstimos para a sustentação das reformas políticas que esses países empreenderem. "Em tudo isso estaremos procurando trabalhar intimamente com o FMI, já que existem vínculos claros e íntimos entre os programas de estabilização formulados pelo FMI e os programas de crescimento que o Banco Mundial procura apoiar", afirmou. David Knox falou no Clube dos Banqueiros de Tóquio.